



GT 75. Retomadas e re-existências indígenas e negras

Coordenador(es):

Cauê Fraga Machado (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sandro José da Silva (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Sessão 1

Debatedor/a: João Daniel Dorneles Ramos (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Luiza Dias Flores (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Sessão 3

Debatedor/a: Sonia Regina Lourenço (Universidade Federal de Mato Grosso)

A antropologia vem tradicionalmente tratando territorialidades negras, quilombolas e indígenas – especialmente do Nordeste – nas chaves analíticas da invenção da tradição, da etnogênese, da fricção interétnica, da reminiscência e da plasticidade identitária. Esses conceitos, além de estarem, na maioria das vezes, atrelados a relação desses coletivos com o Estado-nação, privilegiam apenas as relações políticas entre agentes humanos. Etnografias mais contemporâneas, vêm apresentando dados nos quais categorias nativas como as de retomada e resistência – não apenas como reagente, mas como re-existir – territorial e existencial, quando tomadas como conceitos descrevem diferentes vínculos entre actantes dos mais diversos modos de existência. Esses entes produzem reflexões cosmopolíticas e modos de agir com (ou contra) o Estado-nação de modos antes insuspeitos. Não pela via da memória ou da prova, mas pela cosmologia e relacionalidade estendida a todos existentes, recupera-se algo dado como perdido, inexistente. São “identidades” e territorialidades que sempre existiram, mas estavam aguardando momento propício para se realizar, retomando terras, práticas, contato com seres, objetos, linguagens sem que essas nunca tenham sido perdidas de fato. Nesse GT, privilegiaremos trabalhos etnográficos e reflexões teóricas acerca desse novo cenário no qual indígenas e coletivos negros reclamam sua existência.

YouTubers Negros nas tramas das representações de sujeitos negros nas mídias comunicacionais

Autoria: Victor Leitão de Paiva (UFF - Universidade Federal Fluminense)

A presente comunicação tem por objetivo discutir as produções de alguns criadores negros de conteúdo para a plataforma YouTube - ?YouTubers negros?. Entendendo enquanto ?YouTubers negros? sujeitos negros engajados em agendas antirracistas e que produzem, ainda que não exclusivamente, conteúdos sobre suas experiências vividas de racismo e outras opressões estruturais em perspectiva interseccional. Amparado sobretudo no conceito de ?contrapúblico subalterno? cunhado por Nancy Fraser, entende-se que os vídeos criados e publicizados por esses criadores são espaços em que se produzem formulações e representações sobre pessoas negras que dialogam criticamente com as representações ?mainstream?, como por exemplo circulantes na/a partir de televisão, no cinema e em outras mídias comunicacionais como a própria internet, sobretudo questionando ?estereótipos?, conforme conceituados por Stuart Hall, que são produzidos em meio a dinâmicas de desigualdade e hierarquia de poder. Nesse sentido, desenvolvemos uma reflexão 1) sobre o lugar desses YouTubers negros na plataforma em termos da promoção de eventos por parte do próprio YouTube com esses criadores (como o Youtube Black Brasil, realizado no mês de novembro por ocasião da celebração da Consciência Negra) e em relação a outros criadores; 2) sobre o conteúdo dos vídeos em



relação a essas representações sócio-históricas produzidas sobre pessoas negras (sobretudo no audiovisual). Analiso, por ocasião dessa comunicação, sobretudo uma série de vídeos produzidos em 2017 por criadores negros em parceria com a plataforma por ocasião do já mencionado ?Youtube Black Brasil?. Estes fazem parte de uma campanha chamada ?Eu Sou? em que cada criador (dentre eles prioritariamente para nossa análise Nataly Néri, do ?Afros & Afins?; Murilo Araujo, do ?Muro Pequeno? e Gabi Oliveira, do ?Canal DePretas?, alguns dos mais populares) narram suas trajetórias de entendimento enquanto pessoas negras e a experiência de criação dos ?canais? (como são chamados os ?programas? apresentados por cada criador). Fornecem, portanto, rico material para entendimento da questão



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: